

AULA DIALÓGICA: TEORIA E PRÁTICA NAS AULAS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Adriana Rame Correia Martins Barbosa, Abigail Codeceira Costa, Thais Figueiredo de Melo Lucena. Francisco Roberto Coura de Assis

Universidade Federal da Paraíba, adrianaramemartins@gmail.com; abigailcodeceira@gmail.com; thaisfimelo@gmail.com.

Introdução

A teoria construtivista diz que nós construímos e reconstruímos nosso conhecimento ao longo de toda nossa vida. Segundo ela, somos seres inacabados e precisamos do outro para descobrir quem somos e nossas capacidades. A partir disso, podemos utilizar o diálogo como uma interação do sujeito, produzindo assim a expressão através da voz de forma verbal e não verbal, dessa interação dialogicamente com o outro o processo de aprendizagem constitui um sujeito social, na construção de uma relação dialógica.

Quando as relações dialógicas acontecem é um encontro de vozes, onde respeitamos a opinião do outro e nos colocamos no lugar desse. Uma aula dialógica nos dá essa oportunidade de conseguir ver o mundo a partir da compreensão no olhar do outro. Para Bakhtin (2003) A formação do homem ocorre pelos movimentos que acontecem a partir das relações dialógicas, e na interação com os sujeitos.

As características de uma aula dialógica se dá através do professor na busca da experiência do aluno em relação ao tema proposto, o conteúdo é questionado e redescoberto pelos alunos com base no confronto com a sua própria realidade. Ao ouvir o ponto de vista do aluno, o professor dialógico caminha com este para um entendimento crítico e científico do conteúdo, para que o próprio torne-se pesquisador de forma natural e eficaz.

A aula dialógica é aquela em que o professor conversa com o aluno fazendo indagações, para que o próprio aluno possa dar as respostas necessárias para que os conceitos se interliguem e proporcione a aprendizagem. O docente deve ser flexível e adaptar as aulas para cada situação que se apresente, fazendo uma relação com a experiência já vivida pelo aluno. Dessa forma, o aluno consegue descobrir a interdisciplinaridade, criando situações onde o mesmo possa expressar suas opiniões. Para isso é importante variar as composições

dos grupos, tentar evitar o monopólio das discussões, respeitar as diferentes opiniões e usar um vocabulário que seja claramente compreendido.

A partir dessa teoria, esse trabalho tem como objetivo analisar como as aulas dialógicas contribuem para a construção do conhecimento dentro da disciplina de História da Educação II na turma de 2017.1 na Universidade Federal da Paraíba e dar voz aos discentes por meio das falas sobre como os mesmos percebem como essa metodologia de aula acontece na prática levando também em consideração suas aulas no ensino médio.

Metodologia

O percurso metodológico utilizado foi a investigação e análise da produção historiográfica acerca da educação paraibana, brasileira e dos conteúdos textuais propostos pela professora de acordo com a temporalidade prescrita nas ementas das disciplinas História da Educação II. Além da observação e pesquisa feita em sala de aula pelos monitores a fim de identificar possíveis características e benefícios que a didática dialógica proporciona na relação professor-aluno objetivando o aprendizado.

Resultados e Discussão

Incentivar os alunos a pensar a partir de suas práticas não é fácil, para o professor requer prática, ele deve possuir habilidades para passar o conteúdo da matéria, incentivando-os ao estudo, discutindo e escrevendo de acordo com o proposto, e incentivando-os a pensar e fazendo ligações com os dias atuais. Podemos seguir um exemplo de uma aula sobre tendências pedagógicas na prática escolar ao fazer com que os alunos compreendam qual é o conceito de educação para cada uma. As discussões começam e cada aluno tem uma concepção diferente, mas o professor dialógico vai conduzindo os alunos até eles próprios cheguem ao conceito.

Segundo Severino (1986, p.14):

o educador não pode realizar sua tarefa a dar sua contribuição histórica se seu projeto de trabalho não estiver baseado nesta visão de totalidade humana. A filosofia da educação cabe então colaborar para que esta visão seja construída durante o processo de sua formação. O desafio radical que se opõem aos educadores é o de um inteligente esforço para a articulação de um projeto histórico-civilizatório para a sociedade brasileira como um todo, mas

isto pressupõe que discutam, com rigor e profundidade, questões fundamentais concernentes á condição humana”.

É importante que o professor tenha uma técnica para que a aula não torne apenas um bate papo sem direcionamento. A vantagem de se ter aulas dialógicas é instigar a curiosidade do aluno que passa a ter uma visão mais crítica da realidade e o professor que trabalha nessa perspectiva vai de encontro a postura passiva dos alunos para que não haja a memorização do conteúdo. É importante que o professor parta sempre a partir das perguntas e nunca a partir das respostas prontas, pois nesse caso, ele irá apenas reproduzir o conhecimento, enquanto que com as perguntas, o professor irá estimular o aluno a produzir conhecimento.

Outro fator importante é a criação de um ambiente em sala de aula que estimule a troca de experiências dos alunos por meio de descobertas coletivas e de novo entendimento do conhecimento. Portanto, é necessário dar ênfase ao papel do professor na aula dialógica, já que ele tem a função de ser o facilitador do processo de aprendizagem.

Freire (1980, p.22), assim se expressa “[...] estou absolutamente convencido de que a educação, como prática de liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade”. Ao torna-se reflexível, os sujeitos ampliam a capacidade de se tornarem autônomos. Conscientizar a sociedade significa desenvolver ações de integração baseadas no respeito a valores fundamentais como direitos humanos e, sobre tudo, reconhecer que o indivíduo devem ser senhores do seu próprio destino. (NETO, 2003, p. 60)

A transformação da realidade por meio de uma comunicação dialógica nos parece fecundo neste estudo. [...] os elementos básicos de comunicação são: a realidade ou situação onde esta se realiza e sobre a qual tem um efeito transformador, os interlocutores que dela participam, os conteúdos ou mensagem que elas compartilham, os signos que elas utilizam para apresenta-las, os meios que empregam para transmiti-los (BORDENAVE, 1985, p. 40).

Quando as pessoas se envolvem em um dialogo, são levadas a refletir, a se concentrar, a levar em conta as alternativas, a ouvir cuidadosamente, a prestar mais atenção as definições e aos significados a reconhecer alternativas nas quais não havia pensado anteriormente e, em geral realizar um grande número de atividades mentais nas quais não teria se envolvido se a conversação não tivesse ocorrido (LIPMAN, 1994, p. 44).

Para o educador Paulo Freire, a comunicação é elemento fundamental, pois é ela que transforma seres humanos em sujeitos. Freire estabelece a relação entre comunicação e educação, na medida em que esta ultima é vista como um processo daquela, já que é uma

construção partilhada do conhecimento mediada por relações dialética entre os homens e o mundo. (SARTORI; SOARES, 2015)

Freire (1987, p. 93) ressalta o dialogo como “o encontro entre os homens mediatizados pelo mundo para pronunciá-los”. Desenvolver uma pedagogia baseada no processo de conscientização critica da realidade. O dialogo em Paulo Freire está relacionado à autonomia dos sujeitos. Este tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com o outro. O dialogo por isso mesmo não nivela, não reduz um ao outro nem é a favor que um faz ao outro. Nem é tática manhosa, envolvente, que um usa para confundir o outro. Implica, ao contrário, um respeito aos sujeitos nele engajado (OLIVEIRA; SANTOS, 2007, p. 118).

A concepção comunicativa da aprendizagem é corroborada por contribuição de alguns dos autores mais relevantes nas áreas da educação – entre os quais, Vygotsky. Segundo ele, toda aprendizagem acontece em um primeiro momento no plano social (intersubjetivo) e, posteriormente, é apropriada pelo sujeito no plano individual (intersubjetivo). De forma que tudo aquilo que incorporamos como aprendizagem, vem sempre precedido de uma interação, até que possa a fazer parte do sujeito. (VYGOTSKY, 1998).

A aprendizagem dialógica se situa no referencial teórico que perpassa pela psicologia, sociologia, pedagogia, etc... e enfatiza o papel das interações e do diálogo como agente de aprendizagem. [...] o único modo de podermos chegar ao pensamento é chegar a sua origem, ou matriz que é o dialogo (LIPMAN, 1997, p. 34).

É importante nessa abordagem trazemos contribuições da teoria bakhtiniana para nos auxiliar na compreensão dos conceito dialógicos de um docente que tem em sua prática pedagógica o dialogo. As expressões exprimem sentimentos, pensamentos, ideias, desejo, opiniões em palavras. Para Bakhtin (2003, p.275) o enunciado “[...] não é uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com uma transmissão da palavra ao [...]”.

Ainda o mesmo autor entende que “[...] todo enunciado, além do seu objetivo, sempre responde (no sentido amplo da palavra) de uma forma ou de outra aos anunciados que antecede”. (BAKHTIM, 2003, p. 300). Dessa forma não existe nem o ultimo enunciado, mas um enunciado que produz outro, constituindo, o dialogismo entre os sujeitos.

A interação dialógica ampara-se na dialógica ampara-se no dialogismo bakhtiniano, em que toda relação dialógica implica necessariamente a alteridade em que a toda expressão enunciativa (mesmo quando de efeito

retardado em relação a uma expressão anterior) corresponde sempre uma atividade responsiva ativa prévia, dando conta de um contexto pragmático, intencional e enunciativo-responsivo, enquanto pressuposto de linguagem e de sujeitos de linguagem em relação. A amplitude desse contexto é sempre variável e inclui tanto um diálogo real entre dois interlocutores concretos quando um diálogo entre teoria, obras épicas, culturais, paradigmas [...] A escuta ativa e compreensiva leva, mais cedo ou mais tarde, a replica multifacetadas, plurais, que integra o fluxo dialógico, participando de sua composição. (AXT, 2006, p. 257) [grifos do autor].

A partir de Axt (2000) podemos pensar no sujeito como um todo que e que possuem possibilidades iguais de interação dialógica. Para a teoria bakhtiniana o fundamental as relações em sala de aula. Para Bakhtin(2003, p. 348) “[...] as relações dialógicas pressupõem uma unidade de sujeito da interação (orientação)”. O autor explica através do conceito, as relações que se estabelece no processo de dialogo entre os sujeitos.

Conclusão

Formar professores críticos e consciente de sua realidade, para que em sua prática diária ele possa passar criticidade para os seus alunos, dando oportunidade de seus alunos interagir a partir de suas realidades para se conscientizar de seu papel na sociedade para transforma-la. Um professor dialógico oferece a oportunidade de seus alunos construírem o seu aprendizado e sua compreensão através do dialogo com o outro, podendo assim, ensinar e aprender em conjunto.

O professor deve se esforçar para trazer discursões de diversos temas para os dias atuais e a relação professor e aluno seja proveitosa. Pensar no papel do professor, na sua relação com os alunos, buscando facilitar o aprendizado, fazendo com que eles se interesse, para buscar seus conhecimentos. O professor como facilitador da aprendizagem coloca o aluno no centro, o aluno deve estar sempre disposto a pensar e construir o seu conhecimento, nesta visão ele não fica em segundo plano, pelo contrário, o seu papel é de grande importância no processo ensino.

Pois cabe ao professor a definição de objetivos e o controle da ação pedagógica, não se utilizando da autoridade arbitraria, e sim uma autoridade própria de quem tem zelo profissional e que é responsável pela qualidade de seu trabalho, sempre dando direção aos alunos.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. **O que é comunicação**. Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LIPMAN, Matthews; SHARP, Ann Margaret; OSCANYAN, Frederick S. **A filosofia na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

OLIVEIRA, I A. SANTOS, T R L. **A cultura amazônica em práticas pedagógicas de educadores populares**. – PPGED / UEPA – nildeapoluceno@uol.com.br. – PPGED / UEPA – tanielobato@superig.com.br. GT: Educação Popular / n.06 - 2007.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Educação, ideologia e contra-ideologia**. São Paulo: EPU, 1986.

SARTORI, Ademilde Silveira; SOARES, Maria Salete Prado. Concepção dialógica e as NTICs: A Educomunicação e os ecossistemas Comunicativos. **Colóquio internacional Paulo Freire**, v. 5, 2005.

VYGOTSKY, Lev Semënovič. **A formação social da mente**. Trad. José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 1998.